

VENITE AD ME OMNES!



Salomão Ferraz

A Fé Nacional

São Paulo - 1947



IN MEMORIAM

REVM.º BISPO LUCIEN LEE KINSOLVING, D. L., D. D.

APOSTOLO E CAVALHEIRO

VERDADEIRO PAI EM DEUS

SOB CUJO BACULO

VINGOU, FLORESCEU E FRUTIFICOU

NAS PLAGAS DE SANTA CRUZ

O IDEAL DE UM CATOLICISMO EVANGELICO

CONCRETIZADO NA

IGREJA EPISCOPAL BRASILEIRA

Desejo enviar seu admirável
opúsculo a cada um dos meus
clérigos. Agradeço-lhe profun-
damente por sua mensagem
— a mais doce, verdadeira e
mais católica nota que tenho
ouvido desde os princípios
do evangelismo brasileiro, du-
rante 25 anos.

Possa Deus lhe abençoar
micamente e o Espírito San-
to usar o seu pequeno
livro para disseminar a
verdade e estabelecer o
amor nos corações de to-
dos os leitores.

Lucien Lee Kinsolving
(Bispo da Igreja Episcopal)
Brasileira

I want to send your admirable
"opusculo" to each of my clergy. I
thank you deeply for your message —
the sweetest, truest and most catholic
note I have heard from the ranks
of Brazilian evangelicalism during 25
years.

May God bless you richly and the
Holy Spirit use your little book to dis-
seminate truth and establish love in the
hearts of every reader.

With earnest prayers,

Fraternally yours,
LUCIEN LEE KINSOLVING

(De uma carta escrita de Rio
Grande com a data de 9 de setem-
bro de 1915, e endereçada ao autor,
a propósito do seu opusculo "Prin-
cípios e Metodos").

SALOMÃO FERRAZ

A FÉ NACIONAL

Com introdução pelo Dr. Manuel
Carlos de Figueiredo Ferraz, Ministro
do Tribunal de Justiça e Procurador
Geral do Estado de São Paulo.

1932



O. S. A.

CAIXA POSTAL 2415 - SÃO PAULO

P r e f a c i o

A OBSERVAÇÃO da sociedade brasileira revela, neste momento, a existencia de novas correntes, mais ou menos importantes, que se esforçam por interferir no curso das idéas e opiniões tradicionais, colimando reformas políticas e alterações na organização coletiva.

A ordem politica estabelecida, em que elas vêm chocar-se, é o liberalismo democratico, assás forte ainda n) seu velho arcabouço, apesar dos ataques que lhe são dirigidos.

A democracia liberal não deriva diretamente do cristianismo; é antes um produto secundario da sua influencia.

Mas, por não se apoiar francamente na doutrina cristã, está sujeito a deformações e corruptelas. Ela enfraquece o principio de autoridade e incuba os germes da demagogia.

Um largo sopro cristão pode infundir, mesmo assim, novas energias salutaes a esse regime. E' o que acontece na Inglaterra e nos Estados Unidos, onde a sua revivescencia periodica, operada pela cultura religiosa, lhe garante uma duração indefinida e benefica.

Entre nós a democracia liberal parece paralisada. Enquanto isso, viceja á larga o comunismo, apesar das restrições legais opostas á sua proliferação.

Essa nova corrente é a que, logo ao primeiro exame, atrai a atenção do observador.

O bolchevismo exprime a maior crise ateista dos tempos modernos. Ele se propaga em nosso meio através de um ominoso ambiente de frieza moral e religiosa.

O seu progresso tem-se operado entre nós, em detrimento da influencia cristã.

Diz-se que ele recruta no exercito e na armada os seus adeptos mais efficientes.

E' que essas corporações já eram, de longo tempo, trabalhadas pelo positivismo, que é tambem um produto do naturalismo.

Foi mediante a matematica, segundo adverte eminente pensador patricio, que a filosofia positiva penetrou nas escolas militares, ganhando nelas o seu maior numero de adeptos e propagadores.

Com o positivismo entrou o naturalismo que veio a constituir a substancia dõ ensino ministrado.

A sua influencia não foi superficial, como erroneamente se afirma. Ele não deixou apenas alguns artigos anodinos da Constituição, o lema da bandeira, certos dias feriados e uma fraseologia incompetentemente empregada por individuos que apenas vagamente conhecem o *comtismo*: dele se sente o efeito nas tendencias para a ditadura e para o desprezo sistematico da lei, que, ao parecer de José Verissimo, tem caracterizado a nossa politica.

E', com efeito, peculiar ao positivismo a concepção da ditadura cientifica: ditadura permanente, predominio da mentalidade tecnico-social, o regime das comissões tecnicas, preparatorias das soluções, a deliberação em mãos de um executivo independente e inamovível, sucessão por livre escolha do substituendo.

Nada disso é novo, desde que as doutrinas de Augusto Comte vieram a servir de programa para o partido dominante de certa região do país, de onde ainda agora sopram os mesmos ventos... Nesse terreno, não é difficil a germinação do comunismo, favorecida ainda por um ambiente propicio, mercê da massa compacta dos quadros, da obediencia passiva dos inferiores e de um espirito de classe demasiado vivo.

Vagas analogias sugerem as concepções colectivistas, que logram impor-se a espiritos desprovidos de orientação filosofica e de cultura religiosa. Aliás, a idéa de subordinar a vida civil a regulamentos militares ha de ser uma tentação vulgar para o official compenetrado do seu officio.

Tanto quanto é possivel perscrutar a sua actividade subterranea, parece que o comunismo já é, em nosso país, um partido organizado, com o seu invisivel nucleo centralizador.

Admite-se que a sua ação se desenvolve por sectores, e suspeita-se que o enfraquece uma cisão intima, a mesma que determinou o exilio de Trotsky.

Existe ainda entre nós uma corrente, conciente ou inconcientemente comunista, que se pode denominar, em falta de termo mais adequado, — socialismo pedagogico.

Ela origina-se dos metodos inconcientemente materialistas vigentes em nossas escolas officiais e grangeia com grande facilidade as boas graças dos professores estudiosos e indifferentes á religião. Sobre esses espiritos, apaixonados pela sua especialidade tecnica, exercem certa fascinação os regimes politicos e sociais, em que a massa humana se apresenta como materia plastica, pronta a receber a imprimadura das mãos do mestre...

Dentre os elementos que podem ser considerados como pertencentes a essa corrente, poucos terão uma noção bem clara da actividade mental que assumem.

O socialismo para onde propendem, é o proprio comunismo, mas o caminho que trilham é o educativo, visando, dest'arte, evitar a revolução proletaria que julgam perfeitamente dispensavel.

Nessa doutrina, o que horroriza não é a igualdade economica que ela almeja estabelecer entre os homens; é a concepção dessa igualdade, firmada no primado absoluto da materia, na tirania do numero e no inelutavel da força.

No comunismo, não ha lugar para o destino do homem, que se comprime e aniquila no seio da grande massa, cuja consciencia os ditadores de momento se encarregam de exprimir.

No seu bojo, abre-se o vasio angustioso das negações.

O seu ideal remoto é o amortecimento da consciencia individual, e, por via da consequente insensibilidade moral, a abolição do sofrimento. O aniquilamento do Estado, ele o prevê do mesmo modo — como resultado da perfeição *material* da sociedade. E' o *nirvana*, ultimo estagio desse monismo materialista. E então a vida já não terá sentido.

Uma outra corrente começa a mover-se ao lado do comunismo. Os seus adeptos denominam-na o *integralismo*. O integralismo pretende considerar o homem em todos os seus aspectos — o moral, o intelectual e o material, compreendidos no aspecto material o fisico e o economico.

Ele critica acerbamente o comunismo, arguindo-o de encarar o homem pelo prisma exclusivamente material.

E' da "Publicação", n.º 1 da *Ação Integralista Brasileira* o excerto seguinte:

"O comunismo não é uma solução, porque se baseia nos mesmos principios fundamentais do capitalismo, com a agravante de reduzir todos os padrões a um só e escravizar o operariado a uma minoria de funcionarios crueis, recrutados todos na burguezia. O comunismo destroi a familia, para melhor escravizar o operario ao Estado; destroi a personalidade humana, para melhor escravizar o homem á coletividade; destroi a religião, para melhor escravizar o ser humano aos instintos; destroi a iniciativa de cada um, mata o estimulo, sacrifica uma humanidade inteira por um sonho falsamente científico, que promete realizar o mais breve possivel, isto é, daqui a duzentos anos, no minimo."

Por isso declara alto e bom som o integralismo:

"Somos contra a influencia do comunismo, que representa o capitalismo sovietico, o imperialismo russo que pretende reduzir-nos a uma capitania".

Tambem critica o liberalismo democratico tradicional, arguindo-o de considerar o homem á luz de um criterio exageradamente intelectual.

Ha varias formas do *integralismo*.

A ele se filiam os jovens da "Patria Nova", que inscrevem, como lema de toda a sua atividade, Religião, Patria e Monarquia.

Parece que um ramo dessa doutrina viceja no Ceará, sob a orientação de Severino Sombra, segundo vejo escrito n'um trabalho do estudante Antonio de Toledo Piza, publicado no jornal academico "Tribuna Liberal". A natureza do Nordeste, com a calamidade periodica das secas, ha de influir necessariamente, mais cedo ou mais tarde, na propria organização social do povo que o habita. Os "integralistas" cearenses devem atender a este aspecto da realidade, e isto os levará a pleitear um estatuto proprio, afim de solver o seu grande problema local, sem conflito com as demais regiões do país e sem prejuizo para a unidade nacional.

Em S. Paulo o integralismo procura influenciar os elementos de raça preta, constituindo a "Frente Negra Brasileira", com tendencias acentuadamente monarquicas.

Os integralistas republicanos são representados notadamente pela doutrinação de Plinio Salgado, cuja essencia é um *fascismo* que pretende evoluir de acordo com as nossas realidades.

A "Ação Integralista Brasileira" na publicação aludida começa proclamando a sua crença em Deus; preconiza uma rigida unidade nacional; prega o principio da autoridade, o nacionalismo, a destruição dos partidos, a

solução da questão social pela organização das classes, o respeito da família, o regime municipal.

A sua doutrina propende para o Estado Corporativo. Mas, como adverte Charles Albert, "essa integração do sindicalismo, se é a operação crucial, a operação central da reforma geral que se impõe, é também a mais delicada e complexa, por isso que a representação econômica e a política não se poderiam confundir em uma única assembléa..."

Pio XI também adverte a este proposito que se vê forçado a confessar que não falta quem receie que o Estado, que devia contentar-se com prestar o auxílio necessário e suficiente, se substitua á livre atividade, e que a nova ordem sindical e corporativa assuma o caracter de uma administração complexa e política, e finalmente que (mesmo admitidas as vantagens gerais já apontadas, principalmente a colaboração das diversas classes, associadas de modo pacífico) venha servir antes a escopos politicos, do que para a instauração e promoção de uma melhor ordem social. (*Carta Encíclica Quadragesimo Ano*).

Entre nós, não haja duvida de que isto aconteça, enquanto se não apagar pela aplicação intensiva dos antidotos cristãos o estigma do personalismo feroz e do espirito de facção que macula e degrada mesmo as formas mais conspicuas da organização social brasileira.

Ha ainda uma outra feição do integralismo. E' o *vitalismo*, denominação derivada dos "Centros D. Vital", que Tristão de Athayde vem semeando por todo o Brasil.

Tristão de Athayde iniciou este movimento, levado, o principio, por intuitos especialmente científicos e políticos.

Sucedeu-lhe, porém, no curso dos acontecimentos, ser profundamente empolgado pela verdade cristã, e isto o impeliu a colocar muito mais alto a finalidade de sua ação.

Para Tristão de Athayde só existe um problema no Brasil — o problema religioso.

E esse é também o meu humilde parecer.

Costuma-se fazer a enunciação dos conhecimentos, a começar pelas regras de arte, e subindo delas á lei científica, desta aos principios filosoficos, destes aos principios metafisicos, e destes ás verdades religiosas.

As ultimas formariam a cupula dos conhecimentos humanos.

Fora entretanto mais logico inverter a ordem do enunciado, porquanto as verdades religiosas constituem a base, e não o remate do saber.

O homem, ao encetar a sua viagem terrena, tem que tomar uma attitude e um rumo. Essa attitude e esse rumo, a religião é que lhos inspira e ensina. Tudo mais são consequencias dessa ação inicial.

O cristianismo propõe-se precipuamente a regenerar o individuo e, mediante o individuo, a coletividade.

O aperfeiçoamento de cada um envolve o aperfeiçoamento de todos. No individuo ele vê o genero humano. A sua concepção generosa e profunda não se detem nas classes, ou nos grupos: para ele o operario e o principe, o soldado e o comerciante, o genio e o imbecil, o milionario e o mendigo, oferecem o mesmo interesse humano e universal.

Nisto, a doutrina cristã contrasta com o coletivismo para o qual a classe dominante é tudo; o individuo, nada.

E bem se vê que a solução do problema individual de cada um envolve a solução do problema de todos.

Cristo realizou a sua missão como individuo, não como chefe ou como dispenseiro dos bens terrenos. E' o homem por excelencia.

Não obstante, o seu sacrificio redimiu a raça humana. Ai está uma impressionadora preponderancia de valores, que é a chave de muitos enigmas.

Ninguém ignora, todavia, as temerosas dificuldades que ofereceria a remodelação social e politica do país mediante a aliança formal do poder temporal e da Igreja.

A religião trata com as verdades eternas e com o supra-sensível. A politica e as demais ciencias sociais têm por objeto relações cujos termos se alteram de momento a momento, ao ponto de parecerem illusorias. Como fazer caminhar, de mãos dadas, o dogma intangível e a fugidia verdade da vida social? Como conjugar as leis incomparáveis do mundo moral, resplandecentes na sua imutabilidade, e as inquietas formulas applicaveis ao trepidante convívio coletivo?

Não sabemos se existe ou ainda virá a existir um genio assás poderoso para encontrar o processo de uma perfeita integração.

As Sagradas Escrituras acenam-nos com ela, sob a forma de uma visão profetica, mas nenhum legislador a entreviu, até hoje, por entre as sombras do porvir...

E é por estas alturas que intervem um ramo do integralismo, livrando-nos de ansiosa perplexidade. Esse integralismo, que é velho como a Igreja, pretende obrar por indução.

O seu objetivo está em armar mesmo no seio das sociedades o maravilhoso dinamismo do cristianismo e fazê-lo funcionar com a maxima intensidade possível, saturando do seu espirito a familia, a escola, as profissões, a vida publica, os governos. A formidável corrente orientará por essa forma todas as demais correntes de energias sociais, purificando-as e harmonizando-as.

E' isso o que nos afirma, com fundamento na autoridade das Sagradas Escrituras, o Rev. Salomão Ferraz no seu livro "A Fé Nacional", em cujo limiar collocou o distico, tirado a Jeremias: "Ponde-vos nos caminhos, vêde e perguntai pelas antigas veredas, onde está o bom caminho". Logo adiante, no primeiro capitulo a que dá o sugestivo titulo — *Restauração* — repete um passo de Isaias: "Edificarão as antigas ruínas"...

Vai nisto a condenação implicita de todos os modernismos. Por isso, acrescenta: "Tinham agora estes homens, os profetas, mentores espirituais, como eram, da raça eleita, uma grande obra a levar por diante. O que lhes cumpria, nesta conjuntura, não era mais denunciar, no mesmo tom, abusos que já tinham produzido lamentáveis efeitos, mas cumpria-lhes, sobretudo, reparar as brechas e reedificar o que se tinha arruinado... Parece que, em nosso país, hoje, dá-se alguma coisa semelhante. A grande obra, que deve apelar ao vivo a quantos amam a Deus e estremecem pela patria e as suas tradições de um nobre idealismo, e isto a despeito de erros e abusos de todo genero, cometidos em politica e religião, outra não é senão a de reconstruir, com zelo e carinho, e que foi arruinado, ou o que nunca foi aproveitado pelos que nos precederam".

Não nos deteremos sobre as questões dogmaticas versadas pelo Rev. Salomão Ferraz, mesmo porque nos falta competencia para tanto. A este aspecto, basta-nos assinalar que ele sonha com a unificação da cristandade e propugna essa grande causa.

Diverge da centralização romana, como um estado perene e absolutamente necessario, mas pretende professar integralmente o catolicismo em seus princípios e practicas; quer dizer, filia-se á corrente religiosa de que foi insigne representante o falecido Arcebispo de Upsala, Revm.^o Nathan Soderblom, para não mencionar outros, como o Dr. Lacey, anglicano, e o Bispo Brent, da Igreja Americana, e também, ainda vivo e em plena actividade, o Dr. Frederick Heiler, discipulo do grande Arcebispo de Upsala, e do qual o deão de Cantuaria dizia que "é uma voz que faz jus a ser ouvida pelos pensadores cristãos e por todos os proceres da Igreja na actualidade". Representantes são estes de uma corrente que continúa exercendo grande influencia, e que se caracteriza pelo es-

pirito de reverencia para com o elemento sobrenatural da religião, o respeito para com a tradição, escoimada pelo testemunho das Sagradas Escrituras e um alto apreço para com os sacramentos instituídos por Cristo.

No amago dessa doutrina, palpita o sentimento emancipador de que a unidade da Igreja deriva menos da sua organização externa do que da comunhão pela fé e pelos sacramentos.

Este é o unico principio de que o autor de "A Fé Nacional" faz questão, por entender que, uma vez admitido, os demais se seguem por via de consequencia, quaisquer que sejam as suas formas particulares.

Por isso enuncia com grande franqueza e perfeita coerencia o parecer de que o que cumpre aos crentes não é propriamente sair da Igreja de Roma, nem desertar da Igreja Anglicana, nem mesmo desligar-se de qualquer gremio cristão a que estejam porventura incorporados. O que mais importa é dar provas de um espirito renovado, com uma attitude de fé integral — fé em Deus, "fé viva no Redentor, e, como consequencia, fé na irmandade dos crentes, e, por isso mesmo, no seu ideal de catolica unidade em Cristo".

E' excusado notar que semelhante doutrina, por mais catolica que pareça, permanece essencialmente "protestante" e é inconciliavel com o sentido que a Igreja Romana attribue á formula — "*unam, santam et apostolicam ecclesiam*". Seria oportuna, a este proposito, a leitura do capitulo — Crença na Teologia Dogmatica — da obra de Newman, "Fé e Razão".

Mas o livro do Rev. Salomão Ferraz, por isso mesmo que versa um assunto de interesse universal, contém muita coisa de proveito immediato na presente fase da vida brasileira.

Em materia politica e social, o seu programa é simples e imenso — a cristianização da democracia.

Esse programa não vem expresso, mas está implicito nas paginas da "A Fé Nacional".

Para alcançar este objetivo, a unica senda segura é a melhoria do homem.

Jesus tratou enfaticamente dos problemas individuais, e das relações entre individuo e individuo. A sua politica e a sua sociologia estão contidas no que ensinou a este respeito, porque ajustadas essas relações, também as demais se ajustam.

A lição do evangelho sugere ao Rev. Salomão Ferraz estes sugestivos conceitos: "E' de um valor primordial o individuo, que nunca deve ser anulado pela maquina, qualquer que ela seja, industrial, politica ou ecclesiastica. A organização do corpo coletivo tem por fim garantir ao individuo o seu progresso normal em todas as direções justas e nobilitantes. O reino de Deus não é construído de cimento armado, em estrutura de aço, com os interstícios tomados com pedra em pó, mas com pedras vivas, integrais, com personalidades inteiriças, distintas, consagradas. "Se me edificares um altar de pedras — disse Deus a Moisés — não o levantarás de pedras lavradas; pois se levantares sobre ele a ferramenta, tê-lo-ás profanado". A personalidade humana é alguma coisa de tal forma sagrada que deve ser tratada com respeito, sem o proposito de cortá-la ou mutilá-la arbitrariamente para melhor adaptação aos efeitos de conjunto. O povo de Deus é um povo formado de reis e sacerdotes. Tal é o ideal que não se deve perder jamais de vista".

Mais adiante observa: "E' daqui somos levados naturalmente a considerar a função dos homens que ocupam as sédes do poder, civil ou religioso. O conceito que se tiver da autoridade, no dominio religioso, ha de reflectir-se inevitavelmente na esfera politica".

Em todo caso, é preciso apelar para os individuos.

Não ha melhor caminho para a solução dos problemas politicos e sociais do que o aperfeiçoamento indivi-

dual. O sentimento da responsabilidade individual leva á pratica efetiva da liberdade. O respeito pela pessoa humana e a pratica do bem conduzem á verdadeira fraternidade. O trabalho honesto, a economia sem avareza, a vida simples, criam necessariamente a prosperidade geral, e é o caminho para a igualdade.

As grandes desordens politicas e sociais nada mais são, em grande parte, do que a soma dos vicios individuais. O Dr. A. F. Robertson, no seu volume "The New Citizenship", enuncia esta oportuna definição do governo das nações: "A nation is a collection of individuals grouped together under one government. The whole cannot be better than the sum total of its parts. The character of a nation is determined at the bottom by the acts of the individuals acting separately or in concert. The State is simply the people functioning in government. The purpose of government is well stated by Paul to Timothy. The best government is one that makes it possible for the people to *lead a quiet and tranquil life in all godliness and gravity*". The best governed nation is one least governed, *provided the people are capable of self-government and exercise their privilege*. An ignorant people do not know how to govern themselves. A wicked people will not control their actions. *Intelligence and righteousness* are essential to the welfare and progress of any nation, and in particular of a democratic people".

Advirta-se que aqui não se faz apologia de *individualismo*, certo, como estamos, de que a liberdade de cada um encontra necessarios limites em iguais direitos de nossos semelhantes e no interesse coletivo.

Dir-se-á, não obstante, que tudo isso é vago e não ministra subsidios imediatos para a solução de angustiosos problemas que assoberbam as sociedades contemporaneas.

A arguição é injusta. Os órgãos mais autorizados das igrejas cristãs têm elaborado verdadeiros programas de ação social, programas cuja execução constituirá um titulo de gloria para os homens de boa vontade que a levarem a bom termo.

Por outro lado, é incontestavel a influencia salutarissima, embora indireta, das doutrinas cristãs na elaboração de muitas leis das nações mais cultas, dignas de ser imitadas pelos paizes menos experientes, e que colimam a defesa do trabalho contra a exploração e as servidões incompatíveis com a dignidade humana, uma distribuição dos lucros mais justa e equitativa, e as providencias tendentes a suprimir gradual e prudentemente os fatores que concorrem para acumular nas mãos de poucos a massa da riqueza social.

A "A Fé Nacional", quaisquer que sejam as opposições que suscite no terreno dogmatico, vale como estímulo para a ação cristã na esfera politica e social.

E tanto basta para que seja recebida com aplausos.

MANUEL CARLOS

I

Restauração

RESTAURAÇÃO
CATOLICISMO
CATOLICO OU PROTESTANTE?
PRAGMATISMO
SIMPLISMO
RELIGIÃO QUE VENCE
A IRMANDADE
ALMA CATOLICA
O LIVRO
ISMOS

“PONDE-VOS nos caminhos, vêde e
perguntai pelas antigas veredas,
onde está o bom caminho; andai nele,
e achareis descanso para as vossas
almas.”

Jerem. VI:16.

R e s t a u r a ç ã o

PARA quem procura aquilatar o valor real das cousas, não do ponto de vista de partido ou de escola, nem ainda pelo prisma de qualquer lucro pessoal que se possa auferir ou conferir, mas do angulo visual do bem publico, e no mais alto interesse da vida nacional — ha uma sentença inspiradora, que retine aos ouvidos como um toque de alvorada em meio da confusão reinante. E' a que se encontra nas palavras do grande estadista hebreu, que foi o profeta Isaías, quando, inspirado, conclama os seus concidadãos para a obra ingente de uma patria renovada: “Edificarão as antigas ruínas, as desolações dos seus antepassados”.

Encerravam estas palavras, para o povo hebreu, um programa de ação bem definido e um metodo que deveriam usar, escrupulosamente, os obreiros da grandiosa empresa, politica e religiosa, da reconstrução nacional. Os ante-passados, ao lado da virtude dos seus herois, tiveram tambem erros lamentáveis, que levaram a nação ao descalabro. Este anonimo escritor do exilio, abroquelado com o nome de Isaías e tão notavel como ele, pertence á classe dos que, como Ezequiel, empenham-se vivamente em restaurar a nação, na sua vida politica, na sua mentalidade, no seu culto. O que eles enxergam deante de si são ruínas, cidades destruidas, o santuario profanado, o culto desacreditado, a luz do idealismo a pique de extinguir-se.

Os profetas anteriores, á vista dos abusos do culto e da função do sacerdocio, denunciaram-nos com tanta veemencia, que pareciam, ás vezes, descrer de todo o valor

do culto externo, com o cerimonial de um templo que, por via de maus ministros e falsos devotos, servira para acobertar a malícia, a torpesa, a iniquidade. Templo, sacrificios, ceremonias, tinham caído em descredito, assim como a politica dos estadistas ineptos.

Tinham agora estes homens, os profetas, mentores espirituais, como eram, da raça eleita, uma grande obra a levar por diante. O que lhes cumpria, nesta conjuntura, não era mais denunciar, no mesmo tom, abusos que já tinham produzido lamentaveis efeitos, mas cumpriam-lhes, sobretudo, reparar as brechas e reedificar o que se havia arruinado.

Ao lado da reconstrução material das muralhas, das estradas, das habitações e do templo, tratavam tambem de reerguer as instituições religiosas. Percebiam agora, mais claro do que os seus antecessores, que não podia haver divórcio entre a religião interior e a sua expressão externa mediante os sagrados ritos do culto. Estes deviam ser salvos do descredito a que os tinham reduzido os abusos de antanho. E Ezequiel, o grande profeta do resurgimento nacional, ao mesmo tempo que reclama, como nenhum outro, a retidão pessoal de cada um dos fieis sob seus cuidados, mostra-se zeloso e reverente em todas as minucias do serviço liturgico do templo. E a sua grande tarefa era a de reabilitar a vida nacional, ao mesmo tempo que fazia brilhar em nova luz os ritos e as ceremonias do culto de Jeová.

*

* *

Parece que em nosso país, hoje, dá-se alguma cousa semelhante. A grande obra, que deve apelar ao vivo a todos quantos amam a Deus e extremecem pela patria e as suas tradições de um nobre idealismo, e isto a despeito

de erros e abusos de todo o genero, cometidos em politica e religião, outra não é senão a de reconstruir, com zelo e carinho, o que foi arruinado, ou que nunca foi aproveitado, pelos que nos precederam.

O de que mais necessitamos, agora, na Igreja e no Estado, não é de meros demolidores, embora bem intencionados, mas de homens que saibam reconstruir, cavando fundo na crosta superficial, e encontrando a rocha firme das nossas melhores tradições para sobre ela firmar, com segurança, a estrutura da vida nacional.

A solução do problema religioso, com a sua inevitavel projecção na vida civica, reside, não em meras atitudes negativistas, mas na reafirmação inequivoca dos grandes principios catholicos essenciais, e no reajustamento coletivo da vida religiosa aos primitivos principios de liberdade evangelica; principios que estão latentes nos anseios profundos de milhares e milhares de almas catholicas de escol, entre clérigos e leigos, e que por motivos obvios não podem vir a publico para externar o que sentem, e o que pensam, firmados, embora, em razões inelutaveis. Mas eles têm a clara intuição de que representam, no país, as mais nobres tradições da vida civica e religiosa, de que, um Feijó, no seu dia, foi o grande expoente.

E' que nessas tradições, purificadas, escoimadas da ganga de elementos acidentais indesejaveis, encontram-se estes quatro elementos de valor inexcedivel: Deus, patria, familia, liberdade.

O RESULTADO das eleições que, na Hespanha, abalaram a estabilidade do governo monarchico, tão fundamente radicado á historia da Peninsula, fez-nos pensar nos dias eventuosos e de glorias, quando foi descoberto o Novo Mundo. Ao lado da intrepidez dos grandes navegadores e o nobre idealismo dos que se expuzeram a todos os lances para alargar os dominios da patria e da Igreja, cresceu tambem o joio daninho que tudo corrompe e malsina — a intolerancia que leva ao absolutismo.

Para se conservar nas mãos do rei um poder incontrastado, e para que não penetrassem no país as opiniões contrarias, varreram-se a ferro e a fogo todas as dissidencias, politicas e religiosas. Alcançara-se a almejada unidade, á custa de estrangularem-se os elementos destoantes dos que, na Igreja e no Estado, tinham nas mãos o poder. Perseguem-se judeus e mouros, queimam-se protestantes, e julgam-se, destarte, os donos de um povo unido e docil. Reputa-se a fé entrincheirada dentro de muralhas inexpugnaveis. A Igreja sente-se amparada, prestigiada e firme, de mãos dadas com o poder secular de indole absolutista e autoritaria.

Mas não ha nada mais fragil, na ordem social, do que o poder que pretende concentrar-se todo no corpo governativo, sem deixar-se difundir por toda a massa social. As reacções vêm, e tanto mais violentas quanto maior tiver sido o esforço para mantê-las sopitadas. Ha pouco

tempo ainda, em Pelotas, no Rio Grande do Sul, um sacerdote hespanhol, preconizando o regime de concordata entre a Igreja e o Estado, que fortemente impugnávamos, apontava-nos o exemplo da Hespanha como padrão da harmonia que existe sob um tal sistema. Não creia nisto — nós lhe dissemos — essas situações são precarias e muito perigosas. Com a quéda da politica vem tambem a quéda da Igreja, ou pelo menos a sua desastrosa impopularidade, como aconteceu no Brasil nos primeiros anos da Republica.

Tememos que agora, na Hespanha, suceda alguma cousa parecida com o que houve em Portugal com o advento da nova fórma de governo, quando uma comunidade religiosa, por motivos varios, caiu na extrema odiosidade publica.

Já dissemos, pela imprensa diaria, e agora o repetimos, que não temos a minima confiança na Concordata de Latrão, firmada, como é notorio, na força de um governo que só se póde manter á custa da supressão das liberdades publicas. Um povo que não póde ser regido a não ser pelo pulso ferreo de um poder despotico, é fragil esteio para sobre ele se firmarem agencias de ordem espiritual. E' como o bordão de cana rachada que, firmando-se sobre ele o homem, como diz o proféta Isaías, quebra-se, e as suas farpas entram doridamente nas mãos de quem dele se serviu.

Cremos em principios catolicos e praticas catolicas, no que encerram de mais profundo e fundamental, mas cada dia descremos mais de toda politica que tende a tornar o catolicismo amarrado, inexoravelmente, ao poste de uma influencia regional, quaisquer que tenham sido os seus serviços, grandes e inestimaveis, nos seculos passados. A responsabilidade da manutenção da fé catolica deve descansar, mais e mais, sobre os hombros do clero nacional, em todos os países, do que sobre os da potencia

central que até agora enfeixa ciosamente nas mãos todas as rédeas do poder. Pode parecer isto uma heresia para muitos, mas temos também a certeza de interpretar o sentir de milhares e milhares, católicos sinceros, inteligentes e praticantes, que desejam vêr os princípios da fé católica erguidos bem no alto, como um sol, a iluminar todos os povos, sem todavia ficar escravizados a uma certa situação geográfica.

Utopia! — dirão muitos — sonho irrealizável! Mas assim não é. A tendência do mundo cristão, hoje, é para catolicismo, incontestavelmente. A cristandade ha de unir-se, não em torno de princípios negativistas, como pretendem certos modernistas, mas em torno das grandes afirmações da fé católica. A onda de catolicismo vae avassalando a Inglaterra, mas de um catolicismo que, para a sua expressão, não precisa transpôr as fronteiras do Imperio Britânico. Ha casos isolados de individuos que tomam o rumo da cidade ribeirinha do Tibre, mas a grande massa dos anglo-católicos está empenhada em implantar a bandeira da fé católica na vida nacional, sem perder de vista o seu alcance universal, porém afirmando-o de uma maneira mais positiva, mais atraente, porquanto desarmado de qualquer pretensão imperialista.

O caminho a seguir, no Brasil, para os fins de um catolicismo mais emancipado de influencias regionais estranhas, será, não pelo processo contraproducente de hostilizar o episcopado e o clero brasileiro, mas, pelo contrario, por cercá-lo de maior prestigio e apoio. E por isso não é aconselhável que sacerdotes descontentes, mesmo por motivos justos, abandonem os seus postos. O remedio não virá pela deserção, mas pela união inteligente de todos os homens que representam reais valores na comunidade.

Ha de fato um perigo no exagero do nacionalismo, conducente a atitudes extravagantes e belicosas, assim como

tem também os seus riscos o individualismo, isto é, a valorização do individuo. Mas tanto em um caso, como em outro, o corretivo não se depara em exterminar toda afirmação individual ou nacional, mas na sua sagração aos fins mais altos da humanidade, mediante a religião sacramental de Jesus Cristo.

Ha, portanto, lugar para se cultivar um catolicismo que seja mais nacional do que o italiano, sem todavia perder nada do seu carater essencial e profundamente católico. Póde ser que estas palavras não sejam bem entendidas no momento, e não faltará mesmo quem corra a impugná-las com aqodamento acrimonioso. Mas é bem possível que os eventos, porventura não longinquos, venham corroborá-las cabalmente. Não ha nada como o desenrolar dos fatos na vida das nações.

Ha ocasiões, no mar, em que a navegação se guia pela luz dos faróes que rebrilham ao longe da costa, sem os perder de vista. Mas ha outras em que, rumando na direção do alto mar, e ás vezes em dias tormentosos, só têm os nautas, para guiá-los, a luz dos astros, a bussola e a carta de marear.

Assim também o verdadeiro catolicismo não se tem perdido quando atrás de si tem deixado as luzes que brilharam em Jerusalem, em Antioquia, em Alexandria e outros centros de influencia. E não se perderá também, se fôr necessario distanciar-se do luzeiro que, durante seculos, resplandeceu ás margens do Tibre.

E' que o real catolicismo, fundado sobre Pedro e seus companheiros de apostolado, mediante a grande confissão que reconhece a divindade do Senhor, repousa menos sobre condições regionais, do que sobre condições de ordem espiritual, com a sua séde na Jerusalem que é lá de cima, de onde promana o espirito de luz, de vida, de libertação e de unidade.

APESAR da pecha de tolo, que recae sobre o homem que pretende explicar a todo o mundo a razão de ser dos seus atos, das suas convicções e atitudes, não nos podemos furtar á obrigação de responder, em termos breves, aos que nos interpelam sobre a posição que occupamos, ou que pretendemos occupar, com referencia aos dois campos principais que dividem o pensamento religioso do mundo occidental — catolicos e protestantes. Poderemos dizer, de inicio, que não somos a entidade artificiosa com que procurou Rebeca iludir o velho Isaac, apresentando o seu filho mais novo, o predileto, com as apparencias do mais velho, de modo que o patriarca, privado já da vista, exclamava, perplexo: "A voz na verdade é de Jacob, mas a pele é de Esaú".

Não mistificamos o publico ou quem quer que seja. O que pensamos, o que cremos, o que julgamos ser o rumo acertado, em religião como em politica, isso o temos publicado, sem disfarces, sem vacilações, sem calculo de pequeninas conveniencias. Quando liamos, em criança, a famosa novela de John Bunyan, em que Cristão, ou o Peregrino, fazia a sua penosa jornada da cidade da Destruição para a Canaan Celestial, impressionava-nos a imaginação infantil certo desenho illustrativo: um velho, sentado á beira da estrada, tendo na cabeça uma mitra, com os dentes á mostra e os punhos cerrados, em attitude ameaçadora. Diz a narrativa que havia dois desses sujeitos que procuravam embargar os passos do peregrino: um deles chamava-se Pagão, já falecido, e o outro, já de-

crepito pelos anos, porém sem forças agora para agir, limitava-se apenas a ameaçar os viandantes na sua jornada. Estes, porém, continuavam tranquilos e indenes a sua viagem. E a gravura, no livro, representava o velho enfurecido.

E aos homens que não sómente querem avançar na estrada de uma real libertação, mas desejam levar consigo os que são, como ele, filhos da mesma terra, não faltam papões que os ameacem com anatemas, aliás innocuos, e com intrigas de campanario, procurando malquistá-los com o meio. Mas a melhor cousa que se póde fazer é ir avante, com firmeza, sem dar ouvidos a insinuações aleivosas de espiritos irrequietos, que se arvoram, ainda hoje, como agentes graciosos do tribunal do Santo Officio.

Aos que nos interpelam, perguntando se somos ou não catolico, só poderemos responder depois de se definir o que se entende pelo termo "catolico". Se por catolico se entende um homem que renuncia á sua propria personalidade, ao seu proprio senso moral e espiritual, para receber passivamente a palavra de ordem de um chefe, mesmo com os fóros de infalivel, autoridade suprema que se não discute, não podemos dar senão uma resposta, e esta perentoria, incisiva: Não!

A mesma resposta daremos aos que entendem por catolico aquele que se subordina, como condição primordial e "sine qua non" da existencia da Igreja, a uma autoridade absoluta centralizada algures. E a isto nem precisaríamos responder, porque a nossa propria posição ecclesiastica o demonstra sem outros argumentos. Não nos achamos deslocados na comunidade Episcopal Brasileira. E' aqui o nosso lugar, que não pretendemos trocar por qualquer outra situação.

Mas se por catolico se entende o espirito de reverencia pelo elemento sobrenatural na religião, o respeito pela piedosa tradição dos seculos, escoimada pelo testemunho

das Santas Escrituras; e se também significa um subido apreço pelos sacramentos instituídos por Cristo, e por Cristo recomendados com carinho, culminando no Santíssimo Sacramento do Altar; e se ainda quer dizer a crença humilde e singela na real presença do Senhor, de um modo todo especial, na Santa Eucaristia — então a nossa resposta não pode ser outra senão esta: “Somos católico!”

E se o termo católico importa em reconhecer que a Igreja não pôde ser um corpo desunido, fraccionado, partes em conflito umas com as outras, mas deve ser um todo harmonioso, com as partes ajustadas umas às outras, em todo o mundo; e se importa ainda em crer que esta unidade ha de ser alcançada, não pela prepotência, não pela coerção, e nem ainda por um sentimentalismo superficial, mas por uma apreensão mais profunda da supremacia de Cristo, do valor da sua doutrina e dos seus santos sacramentos, mediante um idóneo ministério — então a nossa resposta ha de ser como acima, afirmativa.

E de outro lado, interrogado se somos protestante, tudo depende também do sentido que se ligar a este termo. Ha protestante e protestante.

Se com esse nome se quer caracterizar certo sectarismo miope, que por aí pulula, e que não vê além das fronteiras acanhadas do seu próprio grupo, sujeitos ignorantes e presumidos, arvorados em mestres infalíveis, e empenhados a demolir tudo o que encontram, sem nenhum respeito pelas tradições cristãs dos séculos; olhos maliciosos que só enxergam o mal; mentalidades virulentas que tudo interpretam às avessas; polemistas de fancaria, que tudo malsinam, sem respeito, sem laivos de caridade, e que estão inoculando no espírito das novas gerações o vírus da impiedade; — se é isso o que se entende por protestante, então, a nossa resposta só pôde ser esta: “Não

somos, não queremos ser protestante, e nem aconselhamos a alguém que o seja”.

Mas, se, de outro lado, pelo termo protestante se define o respeito pelo valor do individuo, que não deve ser anulado no interesse da maquina, qualquer que ela seja, industrial, politica ou ecclesiastica; se expressa o sentimento de uma responsabilidade individual directa para com Deus e para com os homens, sem intermediarios indiscretos, formando assim o tipo do cavalheiro apurado, “sans peur et sans reproche”, obedecendo, como lei suprema, aos ditames de uma consciencia esclarecida e, em nome dessa consciencia, capaz também de arvorar em tempo a bandeira de uma justa rebelião; — se é isso o que se define pelo termo protestante, oh senhores! então esse nome só pôde honrar a quem o possui de rotulo e de verdade.

Representa esse nome, em sua acepção mais elevada, uma gloriosa estirpe, de que S. Pedro foi um dos representantes mais conspicuos. Intimado pelas autoridades, aliás legitimas, a não falar mais em nome de Jesus, ele não curva a frente ao aresto do poder, secular e ecclesiastico, mas responde com firmeza, em nome de um poder mais alto que traz dentro de si, o da consciencia do dever: “Importa antes obedecer a Deus do que aos homens”. E se assim responde, assim também age, com intrepidez, com descortino, com liberdade.

E’ o espirito que, em todos os tempos, se insurge contra toda tirania e corrupção, sem temer perseguições, sem fugir aos vexames, ás enxovias, ás sevicias e á propria morte.

E’ esse mesmo principio que, traduzido na ordem politica, e lutando contra toda sorte de obstaculos, de violencias e inominaveis injustiças, arregimentou e constituiu, em S. Paulo, a golpes de valor civico, essas nobres

falanges que se lançaram á liça, destemorosas e sem odios, em defesa de um grande ideal.

Catolico e protestante, no conceito mais elevado que estes nomes encerram, não são termos necessariamente antagonicos, mas representam, judiciosamente entrelaçados, a urdidura e a trama que formam o estofo das almas fortes, equilibradas, reverentes sem superstições, libertas mas não anarquizadas, conduzidas pelo clarão de um idealismo transcendente e que, por isso mesmo, faz sempre atinar com o rumo certo aqui na terra.

P r a g m a t i s m o

ENTRE as varias cartas, que temos recebido, algumas ha que são portadoras de forte increpação á attitude que notoriamente mantemos em nossas opiniões e praticas, quando procuramos rehabilitar termos e usos religiosos que e'les, por prevenções importadas e irrefletidamente recebidas, procuram desmerecer aos olhos do povo.

Não fôra o respeito que nos merece o publico e a consideração que devemos aos proprios missivistas, e reproduziríamos aqui, para sua propria humilhação, as frases impolidas com que se referem a nomes e praticas, perfeitamente legítimas, da religião tradicional. Não; não serviremos aqui, nestas paginas, de aparelho alto falante, para assoalhar, "urbi et orbe", expressões que deveriam ser banidas, rigorosamente, do falar dos homens religiosos.

Mas é isto o que escrevem, e tambem o que falam, não somente em palestras, mas até das plataformas, perante multidões mal avisadas que os aplaudem.

E porque não afinamos pelo mesmo lamiré, entendem de trazer sobre nós o descredito, menoscabando das nossas attitudes e praticas religiosas, e procurando, até, malquistar-nos com os nossos propinquos nas mais sagradas relações da vida. Façam-no, muito embora, se assim o querem; porém julgue-nos Deus, e tambem o publico brasileiro, que é sensato, inteligente, justiceiro. E os que, por via de intrigas desta ordem, e pela sua propria ingenuidade, forem levados a olhar-nos com suspeita, dia virá em que, caídos em si, reformarão os seus

juízos. Não ha nada, neste mundo, como um dia depois do outro.

Mas o que não podemos deixar de reprovar são as atitudes extremadas, e por isso mesmo injustas, causadoras de gratuitas malquerenças, com que se pretende implantar, neste país, dissidencias religiosas de outras éras, justificaveis então, e mesmo ainda hoje, mas não no tom iconoclasta, irreverente e anti-catolico com que se procura intempestivamente agir aqui. Com isto absolutamente não podemos concordar, como já o temos dito em muitas ocasiões e por modos varios — apesar de reconhecermos certos bons serviços, especialmente no ramo educativo, que essa propaganda tem prestado ao povo.

Ha um lugar, legitimo e util, sem duvida, para uma obra religiosa fóra do officialismo tradicional no país. Mas a ninguem assiste o direito de tentar arrasá-lo até os fundamentos, sem deixar pedra sobre pedra, como se nós, brasileiros, estiveramos no mesmo pé em que se encontram os selvagens, e os pagãos de outras terras, que carecem até de batismo!

Na Italia, e mesmo em Roma, ha trabalho religioso em linhas independentes do gremio tradicional. Porém lá, como em parte alguma do mundo batizado, ninguem, entre os que reconhecem a validade do batismo infantil, se lembrou jamais de dar como nulo o selo baptismal que foi uma vez devidamente ministrado, seja por quem fôr, em nome da Santissima Trindade. Sacrilegio desta ordem, com intuitos visivelmente sectarios, e de efeitos afrontosos, só ha em todo o mundo um povo em que se encontram sujeitos simplorios que o permitem: é o povo brasileiro. E' uma pratica notoriamente errada e de tendencias dissolventes.

E quando se lhes diz que tal proceder não é justo, e que não tem razão de ser, como todo o mundo cristão hoje o diz, como tambem se observa desde os seculos primeiros

da Igreja, alguns ainda procuram argumentos, mas outros simplesmente replicam, de um modo que lhes parece decisivo: é que por esse meio se angariaram adeptos e formaram-se grandes congregações, algumas até opulentas e frementes de atividade, ao passo que outros, meticulosos em tais questões, estão por aí a marcar passo. Pode ser mesmo assim, e pretendem, com isto, aquietar quaisquer escrúpulos.

Mas é exatamente este o argumento dos homens que enriqueceram com negocios tortuosos. Não educaram porventura os filhos? Não fizeram casar bem as filhas? E não se encontram hoje confortavelmente instalados, em palacetes, ao passo que outros, manietados por considerações rebuscadas, utopicas, vivem a braços com dificuldades mil?

E muitos dirão tambem que o proprio poderio da sé romana, que tão grande influencia tem exercido no mundo, foi em grande parte alcançado por fraudes, violencias e usurpação de legitimos direitos da comunidade cristã nas outras terras.

Tudo isto é verdade, não o negamos. Mas é precisamente por esse motivo que o mundo inteiro, hoje, mal refeito de um imenso colapso, se encontra em cima de um vulcão, com os seus fundamentos combalidos. E' por isso tambem que a sé romana, nos dias primitivos tão conspicua pela sua piedade e serviço altruistico, com larga influencia benefica, vem perdendo ha muito a força moral no mundo, e parece não conhecer hoje outro caminho de influencia, a não ser o de dar mão forte ao despotismo em toda parte, e padecendo, com este, as mesmas consequencias das violentas reacções. Tais reacções não são gratuitas, como alguns acreditam, mas a consequencia inexoravel de uma funesta sementeira, durante seculos, de processos abusivos, subrepticios, descaridosos, não raro violentos, e certamente anti-cristãos.

Um erro não justifica outro erro, nem uma injustiça, outra injustiça, sob pena de cair-se em um círculo vicioso, sem esperança de emenda.

E nunca nos deixemos embair por essa filosofia falaz do pragmatismo hodierno, que aliás é tão velha como o mundo: a de acreditar que uma coisa é boa, não porque o seja em si, pelas suas qualidades intrínsecas á luz de uma réta consciencia, mas pelo exito certo e velóz a que conduz. E' mais facil dizer que é oito ou oitenta, de acordo com as propensões ao erro, do que exprimir a quantidade exata. E esse principio, que julga o merecimento de uma coisa apenas pelo seu successo fulminante, é a filosofia de Lampeão e dos seus companheiros de cangaço, e também a dos mandarins dos sertões nordes-tinos. E' a filosofia do Diabo, que ofereceu a Cristo os reinos todos do mundo sob uma condição muito simples: a de renunciar o caminho da bondade, da retidão, do amor e da cruz, e deixar-se levar pelo atalho de um successo rapido, immediato, por via de processos deshonestos, brutais, deshumanos.

E o que Cristo rejeitou com indignação, é o que muita gente religiosa, depois dele e em nome dele, vem aceitando e pondo em pratica como se fôra a coisa mais natural do mundo. Eliseu, o profeta, recusa os presentes que Naaman, o general sirio, lhe oferecia em paga do beneficio recebido. Mas o seu criado, ambicioso, corre atrás do homem e, mentindo em nome do seu amo, recebe as ricas dadas. Mas também, com elas, a lepra que o desgraça até o fim da vida. E' o que tem acontecido, infelizmente, com muitos que representam no mundo a religião. Receberam o fruto das grandes doações da mão dos opulentos da terra, mas também a sua gafeira moral, que os avilta e desfibra, irremediavelmente. E queixam-se depois da impiedade das massas populares, quando se deviam penitenciar exatamente dos seus processos de es-

perterzas, iníquos, anti-evangelicos, que usaram como guias religiosos.

E' falsa, portanto, essa filosofia pragmatica que aquilata o merito das cousas pelos fatos consumados, e que não tem olhos para ver as raizes de amargura que se vão também semeando ao longo de esforços que visam, indubitavelmente, nobres fins. Tais pragmatistas, á vista do Cristo pendente do madeiro, sob os motejos e improperios dos chefes e do povo, haviam de exclamar: "Não poderia ter sido verdadeiro o seu ensino, porque, se o fora, teria sido outro o desfecho!"

E haviam de dar parabens aos sacerdotes, aos escribas e fariseus que o impugnaram com odio mortal.

Podem gloriar-se dos seus grandes successos, em politica, em negocios e mesmo em religião, todos quantos visam apenas os fins sem curar dos meios; mas contra eles estejam de sobre aviso as consciencias retas, que buscam cousas boas, nobres e santas, mas por caminhos direitos, limpos, posto que de penosa praticagem. E' o caminho da cruz, que leva á paz, ao amor, á verdadeira vida dos individuos e dos povos, agora e no porvir.

Os bens mal adquiridos, mesmo quando da natureza espiritual de benções roubadas por dolo infraternal, como no caso de Jacó, trazem consigo os germes malditos de pungentes agonias.

Ninguém se deixe iludir, em qualquer dos aspectos em que a vida se apresente, por essa filosofia leve, acomodaticia, de algibeira, e mendaz, do pragmatismo, que raciocina desta fórmula: "Se as cousas são assim, é porque não podiam ter sido de outra fórmula, e não faz mal que assim continuem. E se alguma coisa não vai certa, como se diz, não vale a pena a gente se amofinar e se incompatibilizar por cousa de pouca monta".

São os que não ouvem os ditames da razão, mas atendem somente ás conveniencias da hora presente e da con-

fraria a que se uniram. A única voz que escutam é a do troar dos canhões das grandes calamidades, que talvez, pensam, não sobrevirão nos seus dias. Como o rei Ezequias, que ouviu os terríveis vaticínios sobre o futuro da sua casa e do seu país, eles também se conformam, com fleugma: "Contanto que haja paz nos meus dias".

Mas a verdadeira filosofia, para todos os efeitos, é a que toma como ponto de partida a culminancia dos grandes e eternos principios de justiça, de verdade e amor, e deles desce, em linha reta, ás applicações praticas da vida.

Entre a filosofia de William James e a de S. Tomaz de Aquino, é esta a mais segura, porque vem do alto para baixo, mostrando o que devem ser no mundo as cousas, segundo o ideal dos grandes principios basilares.

O pragmatismo não póde conceber um céu senão ao feitiço da terra, com as suas tortuosidades, e acaba, afinal, por negar-lhe a existencia. Mas ao idealismo, que contempla a terra pelo prisma dos eternos ideais, é que está reservada a visão dos novos céus e da nova terra, nos quais habita a justiça. São os que não se conformam com o mundo, com os seus processos, mas o transfiguram de acôrdo com o padrão do céu, pelo caminho unico e legitimo da cruz.

AFIRMAM alguns, em tom dogmatico e com enfase, que a religião cristã é simples, visceralmente simples, no seu ensino, no seu culto, na sua pratica. E partindo deste principio, que julgam incontestado, começam por despojar a religião de toda a dignidade no seu culto, que fica reduzido á mais soez vulgaridade: em vez de um templo com estilo religioso, preferem um mero salão desnudo, sem alma, sem arte, sem nada que de fóra incite o espirito ao recolhimento e á reverencia.

Seguindo a mesma diretriz, desacredita-se a liturgia, que se circunscreve aos canticos em versos, e entoados (ás vezes desentoados) em musica nem sempre religiosa. E o argumento é sempre o mesmo: a religião de Jesus Cristo é muito simples.

E assim vão por diante nos seus processos de simplificação: metem a ridiculo os aparatos que dão solenidade ao culto e que sugerem a presença do Santo de Israel com os seus adoradores; e daí vão aos ministros que, no entender simplista desta gente, não passam de méros pregadores e administradores de ritos e negocios da Igreja, mas não são de fórmula alguma sacerdotes. Alguns até se encontram que repudiam qualquer titulo deferencial do seu cargo, e preferem ser tratados, não como reverendos, como é costume, mas como um "seu" Fulano qualquer. Sacerdote — dizem eles — é só Jesus Cristo. Mas não se lembram que a mesma cousa se poderia dizer de Jesus como profeta e como pastor. Se é usurpação pretender ao sacerdocio, o mesmo será pretender ao pastorado e á

função do ensino na Igreja. Um clérigo que não é sacerdote, que não pretende ser tido como tal, torna-se inferior aos simples fieis, que foram feitos "reino e sacerdotes para Deus o Pai" (Apoc. 1:6).

Se as cousas ficassem neste pé, seriam já deprimentes, é certo, mas talvez toleráveis. Porém, não param aqui, mas avançam de quédã em quédã no afan simplificador. Arrasado o culto e rebaixado o ministerio, entra-se então no campo doutrinário, e vão se eliminando todas as doutrinas reveladas que não se enquadram com a natural apreensão dos homens, tais como a encarnação do Verbo, a expiação, a ressurreição de Cristo, e assim por diante. Seguindo o mesmo rumo, já não se acredita mais nos sacramentos como meios de graça, mas apenas como ritos sociais com certo sentido religioso. E surge ao mesmo tempo a descrença nos milagres do Novo Testamento. E daí o passo é breve para negar-se a própria divindade de Cristo. E o argumento é sempre o mesmo: a religião de Cristo é simples, essencialmente simples, no seu culto, na sua doutrina, na sua pratica.

*
* *

E será verdadeiro este principio, apregoado assim de um modo tão categorico, com ares triunfais? A religião cristã será realmente essa coisa simples, sem sombras, sem misterios, como alguns a querem fazer com os seus argumentos e as suas atitudes simplistas? Que a religião é simples nos efeitos praticos da sua salutar operação nas almas, não resta a menor duvida. E graças a Deus que assim é.

Mas isto absolutamente não prova que o seu conteúdo seja simples, como se deixam persuadir certos individuos,

com ingenuidade, ou no interesse de controversia e proselitagem.

A energia elétrica também é simples na sua operação: a méra volta de uma pequenina chave enche de luz um palacio ou faz rodar possantes maquinismos. Mas atrás e no meio de tudo isto ha um mecanismo complicadissimo, desde a usina geradora, com os cabos condutores até o ponto da sua operação que parece tão simples. E por cima de tudo paira o misterio dessa energia cosmica, que fulmina e que dá vida, a eletricidade, mas em cuja natureza essencial não se póde penetrar.

O processo indiscriminadamente simplista, em religião com em tudo mais, é insensato e tendencioso para o erro. Foi esse o caminho de todos os hereticos desde os dias de Cristo, e mesmo antes dele. Simplista era a religião, ou meia religião de Lot: religião meramente interior, ao que parece, sem santuarios, sem altares, sem sacrificios, ou pelo menos tais coisas não eram evidentes no seu culto. Dele apenas se diz que "foi armando a sua tenda até chegar a Sodoma".

Mui diverso, porém, era o proceder de seu tio Abraão, cujo sistema religioso tinha a expressão visível e complexa de altares e sacrificios. Em toda parte onde armava a sua tenda, ahi também edificava um altar a Jeová, e convocava toda a sua tribu para o solene ritual do culto.

Simplista, sem cerimonia, era também a religião do fariseu que um dia convidou Jesus para almoçar em sua casa. Não o recebeu á porta com o osculo da amizade, nem lhe mandou trazer agua para lavar os pés, e muito menos o sagrou com o oleo destinado aos hospedes distintos, não o tratou com dignidade. E para que tais coisas, quando se tratava de um rabino tão simples, tão sem cerimonia?

Diverso, porém, foi o proceder da mulher penitente que se assentou aos pés de Cristo, e também o de Maria

de Betania, derramando generosamente sobre a cabeça do Mestre a especiaria de alto preço, que encheu toda a casa com o odor do seu perfume. Simplista porém era Judas, que conseguiu aliciar até o voto de companheiros incautos: "Para que foi este desperdício?" Mas a palavra de Jesus sancionou o ato de piedade e homenagem daquela mulher: "Onde quer que fôr pregado este evangelho, que o será em todo o mundo, será também contado, para memória sua, o que esta fez".

Em caminho errado estão, sem embargo da sua boa fé, todos quantos pretendem, com zelo energumeno, simplificar ao extremo a religião de Cristo, despindo-a da dignidade do seu culto e da transcendência dos seus dogmas. Culto e doutrina andam juntos. Degradar o culto é comprometer as doutrinas, como observa o dr. Pullan no seu livro "Religion since the Reformation".

Simplista era o teor do arianismo, que visava despir Jesus Cristo da sua divindade afim de o tornar aceitável á mente vulgar da época. O Cristo de Arius, um méro ente creado, era muito mais facil de entender e muito mais popular do que o Cristo de Atanasio, "Deus de Deus, Luz de Luz, verdadeiro Deus de verdadeiro Deus, gerado, não feito, consubstancial com o Pai, por quem todas as coisas foram feitas". Com Atanasio, e por entre lutas e agonias mortais, no seculo IV, venceu a Igreja com o seu Credo transcendente e complexo, mas que provoca nas almas a fé, a humildade, a adoração, a paz na inefável comunhão com aquele que era, que é, e que ha de vir, o Senhor Deus Todo Poderoso.

Verdade é que tem havido abusos no tocante a ceremonias religiosas, mas isto não é novidade. Abusos e grosseira idolatria, em conexão com altares, havia-os ao tempo de Abraão, em que se cultuavam as falsas divindades. Mas isto não impedia o patriarca de oferecer um culto solene ao Deus que se lhe revelara desde a terra dos seus

maiores. Abusos têm havido e os ha, com relação ás melhores coisas da vida. Não ha nada mais comum do que ver-se o dom divino da intelligencia desvirtuado e prostituido para os fins mais ignobeis; mas isto não obsta ao cumprimento do dever, que nos cabe, de honrar a Deus com todo o nosso entendimento, apesar de alguns opinarem, erradamente, é certo, que a verdadeira religião póde medrar melhor em um ambiente inculto.

Deve-se desconfiar de todo sistema religioso, filosofico ou politico incontinentamente simplista. Uma doutrina sacramental sem misterios, facilmente explicada como puro simbolismo ilustrativo, em que ninguém tropeça, e agradável, por isso, ao sabor do homem natural, porque nada encerra de transcendente que reclame o exercicio masculino da fé — pode ser boa para os fins demagogicos de proselitismo a todo o preço; poderá talvez arrebanhar a multidão frivola que não quiz mais andar com Jesus, ao ouvir-lhe dos labios, em Cafarnaum, o memoravel discurso sobre o Pão da Vida; póde mesmo trazer certa desenvoltura e conforto illusorio no momento; tudo, porém, á custa de um grande esgotamento espiritual, que leva, inevitavelmente, á desintegração da vida do individuo e da vida coletiva.

Ninguém se engane com os supostos meritos de sistemas simplistas, em religião, em ciência, em arte futurista, em filosofia, e mesmo em politica. De simplismo eleitoral, em que a Mallat substitue a complicada faina de convocar a multidão dos votantes, nós, em S. Paulo e em todo o paiz andamos inteirados.

Não se confunda a verdade e a sinceridade, que são de valor fundamental, com o simplismo falaz nas formulas dogmaticas e culturais. Simples é um seixo na sua estrutura; mais complexo, porém, porquanto mais elevado na escala dos seres, é o vegetal com a sua vida mediante órgãos adequados: e mais elevado ainda, e por isso mes-

mo mais complicado na sua estrutura, na disposição dos seus órgãos, é o sêr animal. Porém de todos o mais complexo, por isso que o mais alto na gradação dos sêres, é o ente humano — complexo na sua vida física, na sua vida psíquica, na sua vida mental, moral e espiritual.

O simplismo, em si, não é marca de excelência, como impensadamente alguns propalam; pelo contrario, é o feitiço das cousas rudimentares e imperfeitas, o indice da ignorancia, quando não é o signal da decadencia ou a capa da mediocridade.

A religião cristã é certamente simples nos efeitos da sua operação nas almas; mas não na sua estrutura, não nos fatos estupendos e transcendentos que lhe servem de base, e que reclamam, para a sua devida expressão, um culto com dignidade e reverencia, assim como também vidas em harmonia com a santidade do Sêr supremo que habita, como diz S. Paulo, na luz inacessível.

O maior perigo, que ameaça o mundo hodierno, é exatamente o do simplismo arvorado como a suma virtude: uma sociedade sem restrições de ordem moral, entregue á lei da natureza; uma ciencia utilitaria, uma filosofia pragmatica, adstrita aos phenomenos sem alçar-se á suprema origem das cousas; uma pretensa moralidade sem Deus e sem fé; uma religião sem dogmas e sem dignidade no seu culto, e dispersiva no individualismo esteril da sua atuação.

E' preciso erguer o grito de alarma ás consciencias retas, á direita e á esquerda, na direção de todos os quadrantes. Seja o ponto inicial a retificação das vidas tortuosas, e siga-se depois o respeito ao culto e ás sagradas ordenanças. Acatem-se os sacramentos, dignifique-se o sacerdocio, e edifique-se o Corpo de Cristo, a sua Santa Igreja — pela fé, pela paz, pelo amor e pela cruz, que leva á real unidade.

E convem lembrar, nesta altura, as ponderadas palavras do revmo. bispo D. Tomaz, o Prelado da Igreja Episcopal Brasileira: "Não se pode edificar uma patria grande e forte, em nossos dias, sem primeiro tratar-se de erigir a Igreja, em sua pureza, em sua gloria e poder espiritual".

E que ninguém mais, por inadvertencia, levante de novo essa perigosa bandeira do indiscreto simplismo que arrasta as almas ingenuas para os ermos da descrença e da desintegração da vida em seus multiplos aspectos.

REGRESSANDO de uma viagem ao Rio Grande do Sul, que nos forçou a uma ausência de tres semanas, deparámos em certa folha religiosa desta Capital um artigo referente ao opusculo nosso, publicado ha tempos sob a epigrafe "A Santa Igreja Catolica". Apraz-nos verificar que o articulista leu, releu e tornou a ler, segundo afirma, o referido trabalho. Merece, por isso, aplausos. Outros ha que nem isto fazem. Se um trabalho destoa das suas persuasões, bem ou mal fundamentadas, atiram-no para o lado, sem correrem sequer as vistas pelo seu conteúdo.

Faz jus a encomios o nosso opositor, não só por haver lido o livro, como ainda por haver externado, em correto vernaculo, a sua opinião, posto que desaprovante.

Se omitimos aquí o nome do illustre catedratico e o da grei a que pertence, é apenas com o intuito de não trazer para estas paginas qualquer cousa que tresande a personalismo ou paixão sectaria. O que mais importa, nesta conjuntura, não são os individuos nem a bandeira da facção religiosa ou politica a que pertencem, mas os principios que devem ser postos em fóco. São estes, verdadeiros, bem definidos e alevantados, os que hão de moldar as vidas dos individuos e das entidades coletivas, e não o inverso, sob pena de se perpetuarem os erros, os preconceitos e as injustiças que desgraçam os povos.

E' portanto inutil o articulista incitar-nos a arvorar a bandeira de uma seita religiosa. Pertencemos, é certo, a uma particular agremiação, á qual procuramos servir e

honrar, na medida das nossas forças, afim de que se torne digna da elevada finalidade catolica que a Providencia lhe aponta, e não venha a degenerar-se, por influencia de espiritos tacanhos ou demagogistas vulgares, em uma seita inocua, senão pernicioso, ou num corpo estranho e estrangeiro no seio do povo brasileiro. O apelo que o nosso humilde opusculo encerra dirige-se, indistintamente, á consciencia religiosa nacional, mas em particular á agremiação conhecida neste país como Episcopal Brasileira, que tem diante de si, neste momento, duas sendas bem definidas por onde enveredar: ou seguir o rumo das seitas, nativas ou importadas, muitas das quais exploram a ignorancia e o espirito faccioso do vulgo, ou então, com coragem, com largo descortino, desfraldar com animo cooperante a bandeira de um catolicismo que sirva de corretivo e inspiração para as tradições religiosas do país.

O referido opusculo contém, igualmente, um solene aviso ao sistema religioso tradicional do povo, ameaçado, como se vê, por um fator que virá desvirtuar a verdadeira indole catolica da religião cristã. Esse perigo, que não é nenhuma fantasia arquitetada por uma imaginação enfermiza atacada de incuravel fobia, é o que se pôde designar pelo nome que modernamente o exprime com exactidão: o "italianismo", hoje agrovado pelo indiscreto consorcio da autoridade ecclesiastica com certa facção politica regional, representativa da mais cabal negação dos ideais dos povos que aspiram florescer á sombra da verdadeira liberdade.

O remedio contra a influencia do italianismo que tem aderido á expressão do ideal catolico da Igreja do Ocidente, não é a proliferação de quanta seita exotica que por aí se espalha, fanatizando, desnorteando e desunindo o povo, mas é a afirmação, inteligente, imperturbavel, indefessa, dos verdadeiros principios catolicos, que constituem a rocha inexpugnavel da religião de Cristo.

E o corretivo de um certo transvio, expresso em todos os tons, desde as praticas excusas da magia negra até ás comunidades do mais alto coturno, não ha de ser encontrado no guante ferreo do clericalismo ultramontano, intolerante, perseguidor, instrumento fatal nas mãos de quasi todos os governos cesaristas e reacionarios. Não é com a violencia e a perseguição que se alcança a verdadeira unidade religiosa ou nacional, mas é com a implantação dos verdadeiros principios catolicos ou, para melhor dizer, cristãos.

E' este, como póde claramente ver o nosso illustre opositor, o catolicismo preconizado no opusculo que lhe causou tão forte repulsa. Ha catolicos e catolicos; catolicos de nome, de partido ou de seita, avidos de dominar por todos os meios, licitos ou ilicitos; e catolicos genuinos animados do espirito cristão de unidade, de concordia e paz, movidos do espirito de sincera caridade, plenamente concios da real presença do Senhor, não apenas no céu ou nos fastos da historia, mas aqui conosco, em todos os pormenores e accidentes da vida, assim como no Sacramento do seu santissimo Corpo e Sangue.

E' esta a religião que vence, aqui e em toda parte, visto ser a religião da cruz, da fé, do amor e da restauração de todas as cousas em Cristo.

O DIA de Todos os Santos representa, para os cristãos, uma das maiores datas do seu calendario. E' o dia da sagração das élites da fé, os Santos que, quais potentes luzeiros, derramam o seu almo clarão em todos os seculos da vida da Igreja. E a glorificação destes heróis, oriundos de todos os quadrantes do orbe, sem privilegios de raça ou de seita, convida os cristãos, em toda parte, a reviverem, no intimo das suas almas, o senso da irmandade universal dos crentes, tão perturbado pelas divisões entre os cristãos e pelos seus erros doutrinaarios.

Divisões e erros doutrinaarios, dissemos acima, nesta ordem, e muito de proposito. E' que os erros nascem, inevitavelmente, do espirito separatista, que perde a noção do equilibrio, da harmonia e da justa proporção das verdades cristãs. A heresia, em geral, não é a profissão de uma inverdade, mas a afirmação de uma verdade em desproporção com as demais.

Os erros doutrinaarios, dentro da Igreja, sem quebra da sua visivel unidade, curam-se naturalmente, como as fraturas encobertas. Quando, porém, levam a movimentos cismaticos e á desagregação da vida encorporada, eles tendem a perpetuar-se e a gangrenar, como as fraturas expostas.

O maior mal, de que pode ser acometido um homem que se diz cristão, ou um gremio deles, não é nem mesmo o erro dogmatico, embora grave em si, mas é o seu desprezo da irmandade, como se ele pudera seguir

sózinho o seu caminho, e como se não houvesse outros romeiros do mesmo ideal, com os quais se deve guardar em contacto vital e afetuoso.

Porém o mundo cristão encontra-se hoje lamentavelmente dividido. Esta é a realidade, de que alguns procuram exculpar-se, lançando á conta dos outros, exclusivamente, uma situação de que são eles, talvez, os maiores responsáveis. Ter errado é próprio dos homens, mesmo dos homens crentes e bem intencionados; o que é condenável é permanecer no erro com espírito arrogante, impenitente, descaridoso.

A reunião da cristandade, tão desejável, quanto imperiosa para o bem da Igreja e do seu testemunho entre os homens, não poderá se efetivar em termos de imperialismo pagão, cesareano, pela supressão das legítimas franquias liberais de indivíduos ou nações. Um mundo cristão reunido sob o guante ferreo de uma ditadura central, sem contrastes, terá sido viável, e talvez útil nos séculos medievos, mas é hoje indesejável. Ditadura, qualquer que seja, política ou religiosa, é a maior fatora de dissensões.

O orbe cristão, se ha de ser um dia unificado como uma só família, se-lo-á em termos de caridade, de mutuo respeito e serviço, e não nos de primazias que se incalcam armadas de privilégios singulares. O unico primado, entre os crentes, e o unico que traz o selo indiscutível do fundador da Igreja, é o primado do amor, da benevolencia, do serviço desinteresseiro.

Quando Tiago e João, induzidos pela natural ambição de sua clarividante genitora, vão pedir ao Mestre as honras dos primeiros lugares na Igreja, ele então traça, indelevelmente, as condições da real primazia no seu reino: "Sabeis que o governadores dos gentios dominam os seus vassallos, e sobre eles os grandes exercem autoridade. Não é assim entre vós. Mas quem quizer

tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva, e quem quizer ser o primeiro entre vós, será esse o vosso servo". E acrescenta, para corroborar este principio, o seu proprio exemplo: "E' assim que o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos".

E conta-nos o Evangelho que os outros dez discipulos, ao ouvir das pretensões dos seus dois colegas, ficaram indignados: naturalmente porque não estavam imunes do mesmo espirito mundano e carnal.

O mundo cristão, hoje, oferece o mesmo espetaculo de dois grupos rivais bem distintos: o dos que ambicionam o poder, e o dos que ficam indignados, e ás vezes com tal excesso de veemencia, que buscam em tudo desacreditar os seus emulos, em todos os seus atos, mesmo os mais sagrados, e até no simples batismo que foi por eles conferido em nome do Deus Trino! Ha nisto, incontestavelmente, um mau espirito, tão condenável como o dos que buscam firmar um poderio que o Mestre, positivamente, negou-se a conferir, e muito menos á guisa de uma autoridade de sanção externa como a dos "governadores dos gentios".

A verdadeira posição cristã, hoje, não está nem com os que contendem pela hegemonia, baseados em razões de ordem, mas de ordem "gentilica", nem tambem com os que se mostram indignados, traindo, destarte os mesmos motivos subalternos. A verdadeira attitude, no mundo cristão, será a dos que não disputam as honras do poder, e nem tão pouco se exasperam pelos que as procuram com tão grande afinco, mas limitam-se a afirmar, por palavras e exemplos, a supremacia de Cristo e do amor cristão, e a fraternidade de todos os crentes, sem levar em conta as barreiras com que o autoritarismo anticatolico e o setarismo dissolvente buscam arbitrariamente empecer o natural sentimento de irmandade entre os cren-

tes. "A séde do real catolicismo cristão — algures se disse — antes de ser procurada em uma situação geográfica, deve ser encontrada em uma atitude d'alma, em uma disposição reverente e fraternal de espirito".

Onde reinar o verdadeiro amor cristão, generoso, paciente, fraternal respeitador do proximo, aí também se ha de encontrar a chave para as demais questões de disciplina e ordem. Primeiro o amor, e depois a ordem: é o espirito de Cristo, que leva á Comunhão dos Santos. Primeiro a ordem, e depois, se possível, o amor: é o espirito do mundo, é o espirito gentilico, fautor das mais violentas dissensões.

Seja o nosso espirito, no Brasil, o de edificar as almas no espirito de uma santa irmandade em Cristo — acima de pretensões autoritarias, ou de competições sectarias dos que costumam pescar nas aguas turvas de paixões demagogicas, que despertam, que açulam, que exploram, em detrimento da paz e da bôa vontade entre os homens, em prejuizo do bom nome de Cristo e dos creditos da sua santa religião.

E' esta, indubitavelmente, a questão de maior monta na vida nacional.

SOBRE um assunto, já versado por nós alhures, temos ainda alguns pontos a tocar. Irrogára-se-nos como defeito o fato de não deixarmos transparecer, em certos escritos, e especialmente no opusculo "A Santa Igreja Catolica", a particular modalidade religiosa do gremio a que nos achamos ligado de um modo mais direto e oficial. Mas o que se inculcou como falha é exatamente uma virtude. Quem é que fala melhor um idioma? Será quem se exprime com o acento carregadamente provinciano, ou aquele que póde falar com tal pureza, com tal distinção e clareza, que não se lhe póde advinhar o burgo ou a vila em que nasceu ou foi criado?

O mesmo principio se aplica a tudo mais. A grande musica não é a regional, apreciada apenas em um circulo limitado, mas a que faz vibrar a alma humana em todos os povos e raças. E assim nos demais dominios da arte, da filosofia, da ciencia e de tudo o que representa a mais elevada cultura da especie humana. O que tem valor permanente, em religião como em tudo mais, é o que apela para o que é mais profundo e essencial no homem. O que apenas toca o que é parcial, acidental ou regional, é de carater fortuito e condenado a perecer, ou a ser absorvido pelo que tem um carater universal e de applicação a todos os povos e raças.

Jesus Cristo não se nos apresenta com o distintivo do judeu, nem a sua doutrina aparece com a eiva de qualquer dos partidos que dividiam o pensamento religioso dos hebreus no seu dia. Não é fariseu, nem saduceu,

nem esseno, mas a sua palavra faz vibrar tudo o que ha de mais intimo, profundo e geral no seio da humanidade. O nome com que ele se compraz em chamar-se é o de Filho do homem, o homem por excelencia, consubstanciando em si, harmoniosamente, tudo o que ha de nobre e verdadeiro em todos os grupos humanos, em todas as modalidades dos seus pensamentos, mas sobrepondo-se a todos eles, em uma região elevada, serena, dominadora.

E' esta a significação da personalidade de Jesus Cristo, e esta tambem a significação do ideal catolico da religião, ideal que a Igreja do Ocidente, a despeito de imperfeições, de erros, e até de crimes, proprios da fragilidade humana, tem procurado realizar. Os metodos têm sido errados, por vezes, como ainda hoje em grande escala, mas o ideal é verdadeiro, é profundamente cristão, é essencial para a vitoria das forças espirituais contra os principios do erro e da bestialidade, que ameaçam subverter a sociedade hodierna. Podemos e devemos combater as perversões que desvirtuam o catolicismo na excelsidade dos seus ideais, mas não o principio de catolicidade, que é inexpugnável.

O sectarismo é o espirito de grupo dos que se separam, crendo bastar-se a si proprios, tendo que dar contas somente a Deus, como acreditam, descurados da sorte dos demais crentes no mundo, e sem a salutar visão do conjunto, sem o saudavel intercambio das riquezas que resultam das experiencias multiplas dos fieis nas mais variadas condições da vida.

E não se pense que o sectarismo tem sido o pecado apenas dos cristãos conhecidos historicamente pela alcunha de protestantes. Seria injustiça afirmar-se uma tal cousa. O mesmo pecado tambem se encontra, em grandes parcelas, no passivo dos que se ufanam do nome de catolicos. E' muito comum, entre os homens, acobertarem-se estes com a capa de um nome expressivo, e

praticarem exatamente ao contrario do que o nome sugere. Ha homens que se dizem liberais e que são, na pratica, o mais cabal desmentido do liberalismo.

E' por essa razão que o opusculo "A Santa Igreja Catolica" dirige-se indistintamente a todas as classes de cristãos, sem indicar-lhes qualquer grupo para as suas preferencias, mas apontando-lhes um ideal, o ideal catolico, na direção do qual hão de volver os seus pensamentos e orientar as suas atividades.

E' isso o que se procurou fazer, com animo humilde, fraternal, mas tambem sem vacilações, no opusculo que foi tão impugnado por ilustre articulista. O que se visou foi apenas despertar nos crentes, sem distinções gregarias, o ardente desejo de ver consumada essa unidade, consoante o mais veemente anelo do proprio divino fundador da religião. Uma das condições vitais para se alcançar a unidade é o aperfeiçoamento moral e espiritual de cada individuo e de cada gremio de crentes. Porém este aperfeiçoamento é inexequivel sem o convivio na vida social. E daí a insistencia em não se criarem desnecessarias barreiras de intolerancia e sectarismo em torno do altar da Comunhão. E' este o caminho para chegar-se á substancial unidade, ao ideal de uma Santa Igreja Catolica.

Para que lado havemos nós de volver os olhos em busca da realização, em concreto, de um tão glorioso ideal? O que nosso Senhor disse no tocante ao reino de Deus, que deve ser buscado, primeiramente, dentro de nós mesmos, antes de ser achado em manifestações externas e visiveis, assim tambem a Santa Igreja Catolica deve ser edificada, antes de tudo, no recesso das almas, predispondo-as para Deus, para a verdade integral da sua revelação em Cristo, para a gloria que culminou na cruz, na qual recebeu o golpe mortal o principio virulento da inimizade que separa a criatura do Criador, e que mantem os homens desunidos uns dos outros. O dominio da cruz,

nos corações humanos, é o domínio da paz, do amor, da fraternidade.

Antes de buscar-se algures a Santa Igreja Catolica, deve ser encontrada, ou formada, na alma verdadeiramente cristã, na alma essencialmente catolica.

Dê-se ao homem uma alma verdadeiramente catolica, na accepção real do termo, e ele não terá mais difficuldade alguma quanto a prioridades regionais, cabíveis ou não, de Jerusalem, de Garizim ou de Roma. E' que o verdadeiro catolico tem a sua séde, não na Jerusalem cá de baixo, que é escrava com seus filhos, mas na Jerusalem celestial, que é livre, e mãe de todos nós, segundo a incisiva expressão de S. Paulo na sua Epostola aos Galatas.

E' este o grande principio, espiritual, divino, emancipante, que unifica os homens sem os escravizar, e os liberta sem anarquizar. E' o grande fundamento em que vem sendo edificada, a golpes de fé, no decorrer dos seculos, a Santa Igreja Catolica, que vem lutando, sem treguas, contra dois inimigos formidaveis — o autoritarismo corruptor, e o sectarismo desintegrante, dissolvente.

E este mesmo principio, consagrado na esfera religiosa, constitue tambem a unica base de granito em que é possível levantar-se, forte, grandioso, senhoril, o arcabouço das verdadeiras democracias.

O L i v r o

APÓS a vigilia matutina, que temos por habito observar diariamente com o santo sacrificio do altar, liamos, consoante o calendario da Igreja, as lições de matinas, tiradas do Velho e do Novo Testamentos. A primeira delas, encontrada no capitulo VII do Genesis, versava sobre o Diluvio com a entrada de Noé e seus filhos na arca. Bem sabemos que a vetusta narrativa hebraica é calcada em um fundo lendario comum a todos os povos, tais como os da Grecia, da Australia, Polinesia, Tibé, India e até a America, e tem muita parecença com a narrativa épica de Gilgaméche, de procedencia babilonica. A base historica terá sido alguma grande enchente do Eufrates, em que foi destruida a cidade mesopotamica de Churipac, e de que apenas alguns poucos individuos se salvaram em um navio. Porém os pormenores da narrativa sagrada, considerados do ponto de vista científico e historico, são em grande parte inverossímeis. Com o andar do tempo a imaginação do homem primitivo foi dando vulto a um fáto local, até que assumiu as proporções com que afinal se apresenta.

Seríamos assim tentados a pôr de parte, como pueril, uma narrativa em que gerações e gerações receberam inspiração para uma vida mais nobre, acima dos instintos bravios da natureza. Mas quando penetramos déveras no espirito do escritor sagrado, no seu real escopo, que é o de difundir principios morais e espirituais, mediante o veiculo de historias e lendas do mundo antigo, então sobe de ponto a nossa apreciação. Tais narrativas são, por bem

dizer, um espelho fiel da alma humana no despertar da consciencia moral.

E a descrição do diluvio, no seu mixto de lenda e fato real, é uma das mais tremendas advertencias da inspiração antiga. Mostra que onde quer que os homens se corrompam, deixando o caminho da lei, do direito, da consciencia, enveredando pelo declive das violencias, das torpezas, das injustiças, surgirão, de uma parte e de outra, de cima e de baixo, os elementos da sua destruição. E' uma historia de todos os seculos e de todos os dias. E' o grande ensinamento resumido nas palavras do inclito Mestre: "Onde estiver o cadaver, aí se ajuntarão também as aves de rapina".

A Biblia, com a sua simplicidade que ás vezes toca ás raías da infantilidade, é entretanto um poderoso fator para a educação da consciencia. Ninguém pode ler suas paginas, mesmo com os seus pontos obscuros e linguagem ás vezes de outras éras, sem sentir o seu senso moral profundamente sacudido.

Estas considerações nos acodem, especialmente, depois de havermos celebrado, no ultimo domingo, em acordo com milhões de crentes em todo o mundo, o dia universal da Biblia. A Biblia, e especialmente os evangelhos, é por excelencia o livro que emancipa as almas. Este asserto é ainda corroborado pelas nobres palavras do venerando antiste de São Paulo, s. exa. o arcebispo d. Duartê Leopoldo, que muito tem feito para levar os evangelhos a todas as classes sociais. "Introduzir o Evangelho em uma casa — diz ele — é fazer entrar Nosso Senhor Jesus Cristo no seio da familia; é pôr uma familia inteira em comunhão com o Verbo de Deus.

"Ler o Evangelho — diz ainda s. exa. — com espirito de fé e de humildade é, pois, beber em sua fonte a força onipotente de Deus. Propagar o Evangelho no seio das famílias, concorrer para que ele se torne um "livro de

leitura espiritual", um companheiro indispensavel, é dar ao proximo a força de Deus para o triunfo da verdade.

"Os Evangelhos — acrescenta finalmente o autor da Harmonia — formam o livro mais precioso que se possa compulsar. Encerram a palavra de Deus, palavra que é luz, que é verdade, que dirige os passos dos que amam a virtude, que civiliza os povos, que conduz á vida feliz e eterna".

E Tobias Barreto, uma das glorias das letras patrias, assim se exprime também com alvoroço: "E' uma verdade demasiado sabida, e mil vezes repetida, que na literatura de um povo se refletem todas as suas idéas, seus costumes, seu carater, sua civilização emfim. A nenhum outro, porém, é este principio com mais propriedade applicavel do que ao povo hebreu. A Biblia é com efeito uma civilização; é um mundo continuamente agitado pelo espirito e pela idéa da divindade.

E continua: "A poesia que na Iliada, por exemplo, é grande como o heroismo, na Biblia é imensa como a onipotencia, ardente como os sopros do deserto.

"Quando a poesia não perde o caminho do céu, quando não se arreda da sua primitiva missão, altamente moral e religiosa, ela se torna uma força, um poder ativo e social.

E no mesmo tom prossegue: "E' assim que o profetismo hebreu influiu nos destinos de Israel; quando por cima das nações ingratas passavam rugindo, de mistura com os turbilhões do deserto, as maldições de Isaías; quando o verbo ardente do genio batia, como uma labareda, na face dos reis, e a seculos de distancia os profetas escutavam os gemidos das cidades, cujos ossos estalavam nos apertos da agonia, na garra dos conquistadores. A Biblia é pois um modelo de tudo quanto é belo e bom; e se outras razões não determi-

nassem a sua leitura, bastaria o gosto, o simples instinto literario para levar-nos a folhear essas paginas eternas, a colher e admirar as palavras sublimes, as lavas petrificadas, que brotaram daquelas bocas abrasadas, como crateras do céu”.

E quando, hoje, se ventila no país a questão do ensino religioso nas escolas, bom é não esquecer que não ha nada que se compare, como texto e manual, com os proprios evangelhos. A razão está certamente com os da Convenção Mundial de Escolas Dominicais, reunidos ha pouco na Capital Federal, no seu fervente afan de levar a todas as classes sociais o conhecimento religioso mediante as Santas Escrituras, ministrado nas famosas escolas de domingo, modelares na sua organização, na sua tecnica, no ambiente cativante que sabem com maestria cultivar.

O remedio contra o espirito sectario, que alguns temem da parte de muitos que incentivam o povo a ler a Biblia, encontra-se na propria Biblia, lida com reverencia, com lealdade, no espirito devoto. A cousa mais nefasta, que se pode imaginar, é a politica do medo que nega ao povo a linfa pura dos Evangelhos, proibindo, como alguns fazem, a sua leitura ou procurando arrancar das mãos do povo, com violencia ou com sofismas, livros sagrados que pertencem ao patrimonio comum da cristandade.

Tolhe-se ao povo a leitura dos Evangelhos, mas não se lhe empece o manuseio de toda essa literatura de cordel, sordida, dissolvente, que vai grangrenando as massas. Não fazemos com isto referencia a comunidades, mas a correntes reacionarias, que contrariam a sabia diretriz dos melhores espiritos que, como o eminente prelado ha pouco citado, desejam ardentemente a difusão, em larga escala, dos Evangelhos.

O povo deste país, com uma vasta proporção de

analfabetos, ignorantes, supersticiosos, retrogrados, necessita de instrução, juntamente com os principios de ordem religiosa.

E a instrução religiosa que lhes convem, porque leva ás almas a virtude de um carater viril, emancipado e ao mesmo tempo devoto, reverente, é a que, erguendo bem alto a cruz, ilumina o seu nobre perfil pelos clarões que vêm do alto e através do livro, o melhor dos livros.

NOTA — Se no Velho Testamento o que mais importa são os principios que se inculcam, ocupando os fatos, muitas vezes, um lugar secundario, já o mesmo não acontece com o Novo Testamento. Aqui os fatos e a sua realidade concreta são de ordem primordial, deles decorrendo todas as consequencias de ordem dogmatica e pratica. E' um principio que se deve ter bem nitido, em ordem a não haver equívocos sobre o valor das Santas Escrituras.

AS variações diversas, por que passam os vocabulos na sua fôrma, exprimem a modalidade das idéas. Algumas destas variações denotam apenas genero, numero, intensidade, ou a maneira pela qual se processam as ações.

Até aqui vai a gramatica, e ocioso seria prosseguir em uma lição que o leitor, mesmo o mais infantil, já deve ter aprendido na escola primaria.

Mas ha um fato, de ordem moral e social, que se manifesta através de certa variação vocabular, e que devemos, agora, ligeiramente considerar.

A alma humana, com as suas glorias e as suas misérias, as suas virtudes e os seus vícios, pôde ser perscrutada no dinamico latejar dos termos da linguagem. A filologia não é uma ciencia puramente intelectual, mas tem tambem um profundo alcance moral e social.

Assim como certos estados patologicos se denunciam por sintomas característicos, que o discípulo de Hipocrates procura interpretar, assim tambem ha certos vocabulos, os quais, generalizados no seu uso, são reveladores de estados morbidos e viciosos, nos dominios da alma, e por isso mesmo mais perigosos e traiçoeiros.

Queremos nos referir á terminação "ismo" com que se modificam muitas palavras. E' que ela representa a fase de decadencia na vida das coletividades. Nos seus dias pujantes de vida, de seiva e de vitoria, quando certas corporações não perdiam de vista a origem da sua

criação, nem a finalidade para que foram estabelecidas, essa desinencia não aparece.

Nos documentos mais antigos da religião cristã não se fala por exemplo, em cristianismo. Ha fatos, ha verdades, ha objetivos claros e distintos, mas o tal "ismo" não existe.

E nem os primeiros seculos da Igreja conhecem esse estado de alma que se distingue por uma tal desinencia. Ha uma Igreja Cristã, mas não ha cristianismo; ha uma Igreja Catolica, ciosa de conservar a sua integridade organica, doutrinal, tradicional, mas não ha o que modernamente tem o nome de catolicismo.

Houve sempre na Igreja o elemento saudavel que põe a enfase na experiencia religiosa individual, e que proclama as excelencias da retidão pessoal como fator de progresso, e que acima de tudo coloca os ditames da consciencia, e se insurge contra toda prepotencia; mas não se encontra o que hoje se chama protestantismo ou modernismo. Ha sacramentos, tidos em grande estima e reverencia, mas não ha sacramentalismo.

E qual a razão por que as melhores cousas, logo que baixam ao nivel dos "ismos", assumem um carater doentio e decadente?

E' porque elas então perdem de vista a sua alta finalidade, absorvidas em si proprias, no seu proprio interesse ou no interesse de castas ou partidos. E' nesse ponto que aparecem os tais "ismos" e, com eles, o letal principio de desvirtuamento moral.

E' uma necessidade o exercito, tanto para a ordem intestina como para o respeito no exterior, mas o militarismo é um mal, é uma praga de funestas consequencias. O ministerio cristão, sobre ser de instituição divina, corresponde a uma necessidade religiosa e social, mas o clericalismo, onde quer que se mostre, sob a so-

taina do padre ou a casaca do pastor, é um verdadeiro flagelo, é uma peste de que assás têm sofrido a Igreja e as nações.

E assim poderíamos ir muito longe, mostrando o principio de degenerescencia, que se esconde sob muitos destes rotulos acabados em "ismo".

Bonaparte, ao encetar a sua carreira militar, sentia-se movido dos mais nobres ideais de liberdade e democracia; porém, logo que teve se apossou o espirito de imperialismo, entrou tambem o principio dissolvente, que teria arruinado a Europa, se não fôra o desfecho providencial de Waterloo.

As melhores cousas, neste mundo, quando aparecem com essa marca fatidica, perdem a vitalidade, porque nesse momento rasgam a bandeira dos principios, para arvorar a dos partidos e seitas, em que proliferam os sentimentos de egoismo, de intolerancia e crueldade. Desaparece, ou apenas subsiste claudicante, o espirito de vocação para o serviço altruistico em prol da humanidade, restando apenas, com carater absorvente, o proposito malsão de firmar o poderio da casta, da ordem ou da seita.

Esta inversão e degradação de motivos assinala-se, na linguagem humana, pelo acrescimo da desinencia "ismo" aos grandes movimentos que visavam originariamente os fins mais generosos. Não se trata mais da consolidação de principios vitais, mas da defesa de sistemas, escolas e partidos.

E quando avulta a importancia dos sistemas, com menospreço dos principios que pretendem representar e defender, então é que aparecem os germes da deliquescencia moral e social. E observa-se então a pungente ironia de sistemas que pretendem ser os fatores da liberdade tornarem-se os instrumentos mais implacaveis da opressão, e, de outro lado, agremiações que se inculcavam como

alicerces da ordem, tornarem-se, praticamente, insufladoras de odios e guerras intestinas.

E' que tais instituições esqueceram-se da sua finalidade social e da sua vocação humanitaria, para se preocuparem primariamente de si mesmas, do seu prestigio, do seu poderio, e do interesse exclusivo daquela parte da sociedade que lhes presta apoio.

Não é preciso declinar nomes, não é preciso dar exemplos, porque estes saltam aos olhos a cada passo, no país e no estrangeiro, nos tempos da actualidade e nas eras de antanho.

E qual o remedio contra um tal espirito doentio, de que é sintoma o "ismo" que aparece como entumescencia maligna no final de certos termos?

A cura de um "ismo" não se obtem pela applicação de um outro que seja o seu oposto — materialismo com espiritismo, absolutismo com bolchevismo, ultramontanismo com protestantismo.

Porém, o meio eficaz para debelar o estado morbido que se traduz pelas excrescencias em "ismo", é descer aos principios e fatos fundamentais. Muitas vezes os homens se afazem a um tal estado enfermiço, que eles reputam como normal, até que uma grande crise os vem pôr em sobresalto. Porém, o animo prudente não fica á espera da crise, mas reconhece a presença do mal pelos seus sintomas, e trata de combater-lo em tempo.

A grande finalidade da vida não é o prazer, não são as honrarias egoisticas, não é o culto do "eu", ainda que esse "eu" seja o de uma entidade coletiva, Igreja ou Estado, gremio ou escola. O grande escopo da vida é o serviço altruistico, é o amor ao proximo. Qualquer outra diretriz, fôra daqui, ha de levar necessariamente á confusão.

E finalmente o mau espirito, expresso pela fatal desinencia, encontra corretivo em saber-se estimar e respeitar o homem como homem, independente das suas condições sociais ou ligações gregarias. Foi esse espirito generoso que levou o grande papa, que foi Gregorio I, a ver, na face de jovens prisioneiros britânicos, que na praça publica se vendiam como escravos, não anglos, como lhe diziam, mas "anjos", resultando daí a nobre missão de Agostinho de Cantuaria e seus companheiros.

E' que naquella tempo havia uma Igreja forte em Roma, regada pelo sangue ainda recente dos seus martyres, e solicita em servir ás igrejas irmãs, sem laivos ditatoriais e absorventes, e não havia ainda o que, em tempos modernos, se conhece pelo nome de "romanismo".

As comunidades e instituições devem compenetrar-se de que vivem para servir, e não para se engrandecerem, não para terem firmado o poderio.

E quando se mostram em extremo ciosas do seu prestigio, da sua influencia, da sua posição, dos seus direitos intangiveis e exclusivistas, é porque moral e socialmente já estão perdendo a sua razão de ser.